

NÉVOA E ASSOPIO

BIANCA DIAS
desenhos de JULIA PANADÉS

2ª edição





Aguda presença

por Bianca Dias

*Quem sepulta um filho não tem idade.
Está para lá das idades, para lá dos tempos, tem uma posse
do mundo que independe de todas as limitações.
A intensidade de quem sepulta um filho é semelhante à das
forças inaugurais ou terminais. Pode fazer e desfazer tudo.*

Valter Hugo Mãe ('A desumanização')

3

Escrever é fazer colheita de flores em campo minado.

*Escrever sobre a perda de um filho é tentar construir um sítio onde o
vazio possa se abrigar, um território que possa ser margem no lugar
em que desliza aquilo que, na palavra, é pura neblina.*

*Caetano nasceu no dia 3 de maio de 2014. Faleceu no dia 7. Quando
o vi pela primeira vez, pequeno e frágil, ligado ao mundo por tubos
e fios, senti a força do que, para Primo Levi, seria “uma ausência
absoluta que opera na língua”: acontecimento diante do qual não
existem palavras para expressar tamanha ofensa, brutalidade para a
qual nunca estamos preparados.*



Passei a vida lidando com uma série de perdas e renúncias decisivas, mas jamais imaginei que viveria a experiência mais dolorosa do mundo: ninguém espera perder um filho. É dor que estraçalha, que não se inscreve no registro do comum. É algo que funda um mundo novo, instante em que me deparei com a indeterminação da vida, com o que excede todos os limites, com o insondável e incompreensível. Nesse momento, adentrei o terreno vertiginoso da aventura trágica. Porém, para além do destino havia a escolha: recuar e cair num território devastado ou transformar a sensação de impotência em potência.

4

Diante de um vazio aterrador, agarrei-me numa fúria desejante e decidi fazer da morte algo vivo, tarefa que incluiu abrir mão do desespero e escrever. Nessa rasura fui encontrando um abrigo, um litoral. Quando Caetano partiu, desalojada de uma instância que me desse alguma garantia, lancei-me numa escrita arriscada e necessária, escrita que apenas se fazia por sua aguda presença.

Na tentativa de manter-me viva, escrevi diariamente, numa língua única e radical, pois, frente ao que é traumático e à mais intensa experiência, a língua comum fracassa. Desse fracasso, do que restou em invenção de uma escrita singular, fiz um texto que, talvez, possa guardar o que foi e é Caetano e, também, criar alguma palavra, fora dos veios já traçados da linguagem.

Aqui, é bom lembrar da força que se requer quando se escolhe a beleza que vem da profundidade e da coragem, a beleza que enfrenta o horror olhando de frente para ele.

Em seu belo texto “Sobre a transitoriedade”, Freud relata um passeio com o amigo Rilke, numa tarde de agosto de 1913, por maravilhosos campos nas Dolomitas. O poeta, tomado de profunda nostalgia perante a beleza do cenário, lamenta a transitoriedade e a fugacidade do belo na natureza, fadado a morrer no inverno, assim como toda a beleza humana, criada e a ser criada pelo homem. Freud, ao contrário, valoriza a beleza pela sua efemeridade.

É preciso suportar o terror para se alcançar a beleza, que não nos chega gratuitamente e nem de maneira óbvia. Para alcançar a beleza é preciso quebrar com as mãos o espelho dos ideais e, às vezes, se espatifar junto e recolher os cacos. Penso que a beleza não se separa da coragem e da força bruta delicada que não naturaliza as experiências da vida, mas se deixa atravessar por elas e extrair daí qualquer coisa radical e intransferível, pois não há beleza sem o eterno confronto com aquilo que nos acomete. O lugar da beleza é o lugar que interroga, inquieta e move.

Diante da perda brutal de meu filho, me ancorei no abraço firme do pai de Caetano, que me ensinou, a partir de sua ética budista, que a verdade só pode ser agarrada com as mãos nuas.

5



Era preciso converter o horror sem nome em algo que pudesse ser nomeado, transformar o terror indizível em escrita.

Passei noites duras e intensas escrevendo lentamente, letra por letra, domando a dor absurda e o inapreensível que me invadia violentamente. Quantos silêncios e lágrimas enquanto o mundo dormia. E, também, algumas belezas a me salvar: abrir os olhos e lembrar do filho que não está, e novamente sentir o toque de sua mãozinha ao escutar a minha voz.

Alguns gestos têm a dimensão de mudar a existência. O que seria da minha vida sem aquele maior esforço do mundo para pegar na minha mão? É o gesto que ensina sobre o essencial, sobre as coisas menores e silenciosas. O nome da coragem mais profunda e decidida que aprendi na fina lâmina do bisturi e que segue apontando novos nomes: um filho que pôde me dar colo, numa presença que se estendeu para as coisas da vida. Um filho que insiste em mim não somente como perda, como nas palavras de Valter Hugo Mãe no livro "A desumanização": "Nunca se perde por inteiro um filho. Ele resta sempre como algo que temos a infinita possibilidade de evocar. Evocamo-lo e ele é. Eu disse. [...] Dizemos filho e ele é sempre algo. Nunca regressa ao tempo em que não existia".

Da gravidez ao nascimento de Caetano e até os dias de hoje, do ponto intratável ao que se pode atravessar, segui insistindo em

palavras aladas que se transformaram nessa escrita que é vida. E só se vive por teimosia e desejo. Agora, entrego ao mundo o relicário mais pungente e abismado dessa minha travessia. Como o escritor mineiro Lucio Cardoso, "escrevo e meu coração pulsa. Escrevo apenas porque em mim alguma coisa não quer morrer e grita por sobrevivência".

Quando descobri minha gravidez escrevi num caderno de anotações: "Mise en abyme. Vida dentro da vida. Narrativas em abismo. Alguém me diz: a vida é tudo o que não se espera e ainda assim acontece."

E repito: a vida é tudo o que não se espera e ainda assim acontece.

Caetano talvez seja o nome que tenha encurtado o tempo para expandi-lo. Caetano iluminou minha verdade.

Ribeirão Preto, 7 de julho de 2015



Ver o abismo com olhos de superfície

por Julia Panadés

Havia um menino por nascer, você me disse. Depois a poeira estelar, o amor tecido em um diário aberto: algo entre o amanhecer e a noite infinita. Era o céu de Caetano e sua palavra alada, o cerzido de um relicário que você vestia, aos poucos, diante de mim, diante de nós. Eu também me vestia, sem pressa, para a festa que seria. Antes do convite ao livro havia apenas a escrita, fazendo da coisa chamada angústia uma alegria difícil, mas chama-se alegria. Antes de haver livro havia o chamado, o apelo da dor, a escuta tateante de um abismo parapeito, a suavidade de uma névoa, a lâmina de um assobio. Havia uma sentença-de-nascimento insistente, ela dizia: ter nascido não nos livra da tarefa de nascer. O empenho da criança (em nós) tem parte com a criação, com a linha-cria dessa estranha força que nos aproxima, com o fio estendido sobre o vão, com a superfície acolhedora da página, com o lençol fiado na urgência da prece, com a fibra tramada na possibilidade, com a nascente da palavra, com o grão do desenho, com o moinho dos começos.

Belo Horizonte, julho de 2017